

O ensino cívico através do livro **Contos Cívicos** de **Theobaldo Miranda Santos**

Civic education through the Civic book by Theobaldo
Miranda Santos

Aline Aparecida Pauloski Alenski

Graduada em Pedagogia

UNICENTRO

alinepauloski@hotmail.com

Ernando Brito Gonçalves Junior

Doutor em História

Universidade Federal do Paraná

ernandobrito@gmail.com

Recebido em: 17/07/2019

Aprovado em: 14/10/2019

Resumo: Essa pesquisa possui como objetivo analisar o livro “Contos Cívicos do Brasil”, de Theobaldo Miranda Santos, um importante intelectual brasileiro que escreveu diversas obras sobre a educação nos anos de 1950. Nesse sentido, buscou-se analisar as construções heroicas de alguns personagens históricos elencados pelo autor. Para alcançarmos esse objetivo, foram utilizados autores que discutem a educação no período e a atuação de Theobaldo Miranda Santos no cenário nacional. Por fim, a pesquisa nos auxiliou a compreender a importância do livro didático como uma rica fonte de pesquisa para a história da educação, sendo um elemento chave para entendermos os meandros educacionais de determinados períodos históricos.

Palavras-chave: Educação; Livro didático; Civismo.

Abstract: This research aims to analyze the book "Contos Cívicos do Brasil ", by Theobaldo Miranda Santos, an important Brazilian intellectual who wrote several works on education in the 1950s. In this sense, we sought to analyze the heroic constructions of some historical personages listed by the author. To reach this objective, we used authors who discuss education in the period and the performance of Theobaldo Miranda Santos in the national scenario. Finally, the research helped us to understand the importance of the didactic book as an important source of research for the history of education, being a key element to understand the educational intricacies of certain historical periods.

Keywords: Education; Textbook; Civics.

Introdução

O referido texto trata sobre um livro didático utilizado nas escolas do Brasil nos anos de 1950, abordando sua importância e formas de utilização por parte dos professores. Nesse sentido, utilizaremos o manual intitulado *Contos Cívicos do Brasil*, de Theobaldo Miranda Santos, publicado em 1955 pela editora Nacional, tratando com particularidade, sobre sua proposta pedagógica. Além disso, tratamos sobre ao contexto educacional da época, abordando questões de patriotismo e progresso da educação com alunos da quarta série primária. Desta maneira, procuramos responder de que forma o livro didático em questão, contribuiu para idealizar essas noções de patriotismo e nomear heróis na década de 1950?

O estudo justifica-se na medida em que entendemos ser importante compreendermos a trajetória que a educação passou em nosso país, bem como qual era a visão do governo em relação à mesma, visando que este período ficou marcado pela expansão geral de ensino.

Além disso, buscamos entender o contexto histórico em que a sociedade estava, qual eram as metas do governo para a educação naquele momento e desta maneira, fazer relações com o livro didático. Outrossim, iremos apresentar uma breve explicação sobre o conceito do livro didático e sua importância no contexto escolar.

Dessa maneira, o foco principal de nosso artigo é analisar a construção dos heróis nacionais no livro *Contos Cívicos do Brasil*, de Theobaldo Miranda Santos. Decorrente desse objetivo principal, buscaremos ainda, apontar as contribuições que o livro didático oferece enquanto método de pesquisa, além de examinar a relação de poder do governo sobre a educação, principalmente nos materiais didáticos e compreender quais foram as concepções de educação que nortearam a década de 1950 nas escolas do Brasil. Por fim, tentaremos explicar as construções das imagens de heróis cívicos presentes no livro *Contos Cívicos do Brasil*, analisando questões de patriotismo e as propostas de exaltação a heróis naquela década.

Para dar suporte teórico para pesquisa em questão, utilizaremos os seguintes autores: Circe Maria Fernandes Bittencourt, Jaqueline de Andrade Calisto, Armindo Quilici Neto, Rosa Lydia Teixeira Corrêa, Ernando Brito Gonçalves Junior, Theobaldo Miranda Santos, dentre outros.

Para darmos conta dessa intenção de pesquisa, começamos fazendo uma incursão teórica sobre a utilização de livros didáticos como fonte de pesquisa. Em seguida, passamos a

contextualizar a figura de Theobaldo Miranda Santos e suas obras. Por fim, faremos a análise da obra do referido autor.

Livros didáticos como fonte de pesquisa

Bittencourt (2008) aponta que o livro didático é uma fonte de pesquisa e propagação ideológica de determinado tempo histórico. Ele está impregnado de ideologias sociais e políticas e, desta maneira, seus conteúdos remetem sempre a assuntos emergentes da sociedade. Corrêa (2000, p.12), complementa tal afirmação apenas dividindo-o em dois aspectos norteadores:

[...] primeiro, tratar-se de um tipo de material de significativa contribuição para a história do pensamento e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que, simultaneamente à historiografia da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social.

Nesse sentido, tanto Bittencourt como Corrêa, compreendem os materiais didáticos como suportes de auxílio para a prática dos professores em sala de aula, e não apenas reprodutores dos conteúdos curriculares.

Bittencourt (2008), ainda afirma que o livro didático se trata de um objeto cultural, multifacetada e de difícil definição. Seu uso e construção estão influenciados por um poder maior que a escola em si: esse poder é o Estado. (BITTENCOURT, 2008) O Estado, portanto, interfere diretamente nos conteúdos descritos nos manuais e ainda estabelece critérios de avaliação para uma possível comparação de metas a serem atingidas entre as escolas.

Gonçalves Junior (2016, p.107), aponta questões importantes:

Os livros didáticos são um material de grande importância no processo de construção de uma cultura escolar e de uma tecnologia de gestão da sala de aula e do coletivo de alunos, em que as noções de ordem e de método assumem uma enorme centralidade. Os manuais didáticos foram, simultaneamente, instrumentos de inovação e de controle, pois atribuíam legitimidade a um conjunto de ideias e de práticas e excluem outros.

Corrêa (2000) ainda estabelece que os livros escolares são veículos de circulação de ideias e valores. Somando ao fato de que o papel da escola é transmitir e auxiliar o aluno na busca do conhecimento, os manuais, por sua vez, acompanham a concepção oficial estatal. Neste sentido, então, “esse tipo de fonte pode servir como um indicador de projeto de formação social desencadeado pela escola”. (CORRÊA, 2000, p, 13)

Assim, percebe-se que os livros didáticos se tornaram transmissores de determinada cultura social em um certo tempo histórico. Estes, “podem nos revelar um pouco mais sobre a atmosfera educacional e política na qual foi concebido” (GONÇALVES JUNIOR, 2016, p. 107).

Pastro e Contiero (2002, p.60), afirmam que os livros didáticos mostram apenas um lado da História e há uma preocupação em oferecer aos estudantes apenas estratégias de “ordem”.

O que reforça esta ideia é o fato de se procurar oferecer aos estudantes uma história elaborada a partir de fatos fragmentados que impedem a compreensão de processos como um todo, visando escamotear a dominação da classe existente. (PASTRO; CONTINIERO, 2000, p. 60)

Com isso, compreendemos que as histórias encontradas nos livros didáticos, buscam atender a especificações de determinado governo ou política. Devemos lembrar também que o livro didático não só é um produto da indústria cultural, divulgador de saberes específicos, como também é mercadoria voltada para um público alvo, no caso professores e alunos. Percebe-se então, que a literatura escolar influencia diretamente na vida social do sujeito, bem como tem uma grande importância na economia do país com a produção dos mesmos, oferecendo um material seguindo padrões de avaliação do Ministério da Educação. (BITTENCOURT, 2008)

Dessa maneira, podemos entender essa produção didática como: “[...] mercadoria, obedece a critérios de vendagem, e por essa razão as editoras criam mecanismos de sedução junto aos professores [...]” (BITTENCOURT, 2008, p, 311) Geralmente, as editoras responsáveis pela venda e conseqüentemente visando o lucro, buscam inovar sempre na maneira como os conteúdos estarão dispostos nos livros, com imagens coloridas, diversas formas de textos e, principalmente, uma capa que chame a atenção.

Teobaldo Miranda Santos e suas obras

A educação no Brasil passou por diversas mudanças no decorrer dos anos. Essas mudanças ocorreram, em grande medida, conforme os ditames de políticas governamentais, visando muitas vezes, questões econômicas. Trataremos de um curto espaço de tempo, chamado Segunda República (1945 a 1964), para então compreender qual era o papel da educação naquela época.

Aranha (1989) aponta que o período da Segunda República foi “[...] caracterizado pelo populismo e marcado pelo otimismo resultante da esperança de um desenvolvimento acelerado” (ARANHA, 1989, p. 249). Havia uma perspectiva de mudança no setor econômico muito grande,

visto que a década de 1950 foi marcada no âmbito político com governos que queriam a internacionalização da economia.

Voltando o olhar propriamente para a educação, Salles (2002) afirma que “[...] esperava-se da educação que corrigisse as estruturas de desigualdades sociais e bolsões de pobreza predominantes na sociedade” (SALLES, 2002, p. 18). Neste sentido, percebe-se que a prioridade no momento era transformar a sociedade pobre e com classes sociais bem definidas, em uma sociedade que oferecesse educação, avanço industrial e comercial para todos. Logo, houve uma preocupação com a questão do planejamento educacional, pois o mesmo passou a ser compreendido como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento social e econômico do país. (ALMEIDA FILHO, 2007)

Salles ainda afirma que este momento da educação ocorre em contrapartida da educação tradicional, trazendo mudanças no currículo da escola, vinculado ao contexto social da época da época. Ele diz que as finalidades econômicas já estavam presentes na educação muitos antes da década de 1950 e que não seria surpresa tais mudanças. Assim as finalidades,

Ao ser incorporado ao ideário político-pedagógico nacional, primeiro como crítica à educação tradicional, depois como estrutura curricular, o tema das finalidades econômicas trouxe para dentro da educação a preocupação não só com o destino dos indivíduos, mas, sobretudo com o da sociedade. Esse fato, no entanto, não aconteceu desvinculado do contexto político-econômico-cultural da sociedade da época. (SALLES, 2002, p. 19)

Nesse sentido, diversos autores estavam discutindo a educação e os rumos que a mesma deveria tomar em um contexto de mudanças e turbulências. Dentre os diversos autores preocupados com essa temática, destacamos Theobaldo Miranda dos Santos.

Theobaldo Miranda Santos nasceu em 22 de junho de 1904, na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro, onde residiu a maior parte de sua vida. Frequentou o Liceu de Humanidades e a Escola Normal Oficial. Mais tarde, diplomou-se em Odontologia e Farmácia no Colégio Grambery, na cidade mineira de Juiz de Fora. Iniciou sua trajetória profissional na Cidade de Manhuaçu – MG como professor primário. Iniciou sua docência no ensino superior na Escola Superior de Agricultura e Veterinária e na Faculdade de Farmácia e Odontologia, sendo titular de Ortodontia e Odontopediatria. Na década de 1940, sua trajetória de vida profissional foi mesclada entre a docência e os serviços administrativos. (CALIXTO; NETO, 2014, p. 5)

Calixto e Neto, afirmam sobre Theobaldo: “o que se ressalta na vida do intelectual, como escritor, é que a partir da década de 1930 sua carreira transita entre a esfera

educacional/administrativa e literária, sendo considerado o autor que mais publicou em quatro décadas.” (CALIXTO; NETO, 2014, p. 6)

Theobaldo Miranda dos Santos acreditava que a educação cristã era a única maneira possível de formar a personalidade dos alunos e, para isso, seria necessário além da formação física, uma formação intelectual e moral. (CALIXTO; NETO, 2013, p. 9)

Quatro décadas de circulação das obras de Theobaldo Miranda Santos representam um vasto período de circulação de saberes que revelam um repertório de conteúdos e conceitos para a formação de professores. Este dentista, escritor, professor e administrador, foi um divulgador de saberes pedagógicos como também de práticas educativas católicas a fim de subsidiar os professores nas escolas. (ROBALLO, 2009, p. 5)

Theobaldo “Participa ativamente do movimento de luta da Igreja católica contra aqueles que defendiam a democratização e laicização do ensino” (CALIXTO; NETO, 2014, p. 3). Assim, temos vários indícios do modelo que a educação dos anos de 1950 queria nas instituições escolares, por mais que a ciência fosse o principal foco dos educadores. Esse conhecimento deveria seguir os moldes do governo vigente de Getúlio Vargas. Os autores destacam ainda, que Santos foi um grande professor, atuando em várias instituições conhecidas no Brasil e seus estudos e livros foram voltados a formação de professores. Percebe-se a forte influência da igreja católica nos textos de Santos quando, ele coloca que com apenas uma oração, um jesuíta fora capaz de restaurar a paz no meio de uma batalha, bem como, demonstra que os jesuítas eram pessoas calmas, que nada os atormentava e com isso levavam a paz onde estivessem e consequentemente, conseguiam vencer todas as batalhas.

Foi nessa situação terrível que Anchieta, calmo e resignado, resolveu escrever, nas areias da praia, um lindo poema dedicado à Virgem Maria. Enquanto escrevia os versos admiráveis que guardou na memória, ele invocava a proteção da Senhora dos Céus. Logo que terminou o poema, chegava Nóbrega à taba dos índios. A paz fora realizada. Estavam salvas as colônias! (SANTOS, 1955, p. 20)

O autor escreveu aproximadamente cento e cinquenta obras sobre diversos títulos, dentre os quais podemos citar: *Exercício da linguagem e Matemática* (1950), *Metodologia do ensino primário* (1950), *Métodos e técnicas do estudo e da cultura: Ler, escrever, conversar, estudar, adquirir cultura* (1957), *Organização social e política do Brasil* (1963), *Noções de história da educação: para o uso das escolas normais, Institutos de Educação e Faculdades* (1967), *Educação Moral e Cívica* (1970), dentre outros (ROBALLO, 2009). *Contos cívicos do Brasil: leitura para a quarta série primária e crianças de mais de nove anos* (1955), será o nosso objeto de estudo. (SILVA, 2014)

Análise do livro *Contos Cívicos do Brasil*

A obra *Contos Cívicos do Brasil*, faz parte de uma coleção de livros de literatura infantil e escolar com nome de Brasileira Infantil, de autoria de Theobaldo Miranda dos Santos. *Contos Cívicos do Brasil* é o volume IV da coleção, material didático indicado para ser trabalhado com alunos da 4.^a série primária da década de 1950.

Este livro possui como principal objetivo, a narração de “história de homens e mulheres que contribuíram, com sua bravura e seu patriotismo, para a conquista, a defesa, a liberdade e o progresso do Brasil” (SANTOS, 1955, p. 2). Os textos presentes no livro didático, objeto dessa discussão, são caracterizadas como narrações de histórias que aconteceram no Brasil, com algumas características específicas da época em que foi escrito e utilizado em sala de aula, como a exaltação de heróis e suas contribuições para o avanço do país.

O exemplar analisado é o número 2698 da coleção e possui cento e noventa e uma páginas. Suas histórias se apresentam com uma linguagem de fácil compreensão para o leitor e com um desfecho sempre vitorioso do personagem principal. Há sempre uma preocupação do autor em exaltar um “herói”, colocando-o como o motivo de paz entre as lutas, principalmente quando se trata de posses de terras.

As histórias que compõem o manual *Contos Cívicos do Brasil* estão divididas em capítulos que expressam, I - a conquista do Brasil, II - a defesa do Brasil, III - a liberdade do Brasil e IV - o progresso do Brasil.

O primeiro capítulo tem como título: a conquista do Brasil, possui 15 histórias que relatam as primeiras ações que os portugueses tiveram quando chegam ao Brasil, remetendo sempre a “descoberta” das terras brasileiras, com uma visão audaciosa que não havia outras pessoas neste lugar, antes de sua chegada.

O segundo capítulo intitulado Defesa do Brasil tem 16 histórias que apresentam como foi as lutas dos portugueses pela posse das terras brasileiras, contra os outros países ali nomeados invasores, “durante as lutas contra os holandeses, verificaram-se muitos atos de bravura e heroísmo por parte dos defensores da terra invadida” (SANTOS, p. 73). Portugal já se considerava dono das terras e não admitia que outro país tomasse posse nem se quer de uma pequena parte, através de batalhas grandiosas conseguia expulsar todos os inimigos.

A liberdade do Brasil é o título do terceiro capítulo do manual, este conta com 16 histórias e todas retratam um ato de bravura de alguém pelo Brasil, os títulos de cada história demonstram pessoas fortes “A heroína do Sul” (SANTOS, p. 143), e que deram a vida pelo país “a execução de Frei Caneca” (SANTOS, p. 115). Nas narrações é possível observar a exaltação que o autor faz a certas pessoas, consideradas como personagens principais, ele faz essa relação quando dá nomes apenas aos heróis das histórias, como por exemplo, “Miguel Joaquim de Almeida e Castro [...] era um homem de grande valor intelectual e moral.” (SANTOS, p. 113), o que demonstra a importância daquele indivíduo para o país.

Do primeiro ao terceiro capítulo há uma sequência temporal em relação às histórias narradas por Theobaldo, desde o momento em que os portugueses ‘descobriram’ as terras brasileiras até a proclamação da República. Porém no último capítulo, que tem como título o progresso do Brasil, há uma ruptura dessa linha de pensamento, onde o autor em 11 narrações elege pessoas que contribuíram de maneira artística no país. Neste capítulo, Santos exalta músicos, pintores, escritores, cientistas, os deixando com méritos de grandes heróis “[...] Osvaldo Cruz, quase desconhecido em sua pátria, era um dos maiores cientistas brasileiros” (SANTOS, p. 177), como também, deixa claro que o restante da população não passava de ignorantes, de pouca fé e invejosos “[...] A ignorância do povo e o despeito de muitos espíritos mesquinhos criavam, a cada momento, dificuldades à ação do grande médico” (SANTOS, p. 177).

Percebemos que no último capítulo Theobaldo Miranda Santos, não evidencia uma história mais contemporânea, preferindo abordar personagens relacionados a aspectos culturais (música, letras, ciência). Não conseguimos reunir dados suficientes para compreendermos os motivos reais dessa mudança na estrutura do livro, mesmo assim, acreditamos ser interessante apresentar essa constatação.

A conquista do Brasil

O primeiro capítulo do livro relata como os portugueses desbravaram as terras do Brasil. Inicia-se com os primeiros contatos dos indígenas com os tripulantes e como os mesmos ficaram admirados com tudo o que viram. Fazem-se relatos sobre como os tripulantes adentram as terras do país, quais foram os caminhos percorridos para chegar ao sul “A conquista do Sul” (SANTOS, p. 45), ao norte “caminhos do Norte (SANTOS, p. 21), leste “O poema de areia” (SANTOS, p. 18) e oeste com “Marcha para o Oeste” (SANTOS, p. 48), quais foram as aldeias encontradas no decorrer deste caminho e quais as riquezas de minérios recolhidas pelos mesmos.

O manual apresenta no início de cada história, uma ilustração evidenciando o personagem principal. Como exemplo, na história intitulada “Os primeiros visitantes” (SANTOS, 1955, p. 18), a ilustração possui um homem português bem vestido em primeiro plano, lendo, juntamente com outros que estão ordenando os trabalhos a serem feitos pelos indígenas, que estão representados na figura ao fundo.

Imagem 1: Sem título



Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda. Contos Cívicos do Brasil. Companhia Editora Nacional, 1955, p. 12.

Cada história do capítulo, explica um fato que ocorreu no Brasil, como foi a descoberta, como os indígenas reagiram com a chegada dos portugueses, como adentraram a Amazônia, a vinda da corte para o país, dentre outras. Percebe-se nos textos que há um cuidado em mostrar a visão do autor sobre o fecho do que ocorreu, sem apresentar as lutas entre os indígenas e a corte ou a visão dos indígenas sobre os acontecimentos relatados, como neste trecho:

Os tripulantes entraram então em contato com os habitantes da terra. Foram bem recebidos. Os índios ajudaram os marinheiros a carregar barris com água para os navios. Depois do trabalho, puseram-se a brincar de ‘roda’ com os portugueses [...]. (SANTOS, 1955, p. 10)

A recepção gentil demonstrada pelos indígenas com os tripulantes, remete a total segurança dos portugueses em desembarcar em terras desconhecidas e, mesmo assim, serem bem recepcionados pelos habitantes. Os indígenas ajudam os tripulantes de forma amigável, sem questionamentos sobre quem são e o que desejam nestas terras. Essa era uma ideia de tentar mostrar docilidade dos indígenas e uma construção histórica do Brasil pacífica e sem conflitos.

Porém nas seguintes narrações percebe-se que o autor trata os indígenas mais rude “[...] De um lado, os índios bravios e indomáveis, que resistiram a todas as tentativas de pacificação” (SANTOS, p. 16), os colocando sempre como pessoas ruins e que não contribuía para a boa índole que os portugueses queriam instaurar em terras brasileiras, além de sempre exaltar os padres e ministros da igreja como pessoas boas que só ajudam o restante da população, construindo escolas e espalhando a sua bondade “[...] Apesar da bondade dos padres, esse colégio era frequentemente assaltado por índios. Os selvagens não se conformavam em ceder suas terras a obra civilizadora dos brancos” (SANTOS, p. 18).

Percebemos nessa passagem, que Santos acreditava que os portugueses foram os responsáveis para trazer a “civilização” para o Brasil e entendo que os indígenas eram como animais que poderiam ser domesticados em contato com o branco, porém seriam selvagens em seu estado natural. Essa concepção é baseado em uma forma de pensamento eurocêntrica, na qual o processo de colonização se deu através de um processo de civilização baseada nos costumes europeus e na religião católica. Essa forma de pensamento se filia a uma longa tradição de pensamento europeu, muito difundido pela tradição cristã, da qual Theobaldo Miranda Santos foi defensor. (PRADO, PELLEGRINO, 2014)

Essa tradução Cristã Católica, ainda pode ser vista em outras passagens, como por exemplo na que se segue:

Na certeza de que seria atacado por índios e aventureiros – o que de fato, mais tarde, se verificou – Francisco Caldeira apressou-se em construir um forte guarnecido com muralhas de pedras e peças de artilharia. A fortaleza recebeu o nome de *Presépio*; a pequena povoação foi denominada *Nossa Senhora de Belém*; a igreja construída dentro do recinto fortificado ficou sob a invocação de *Nossa Senhora da Graça*, e a terra chamou-se de *Feliz Lusitânia*. (SANTOS, 1955, p. 22;23)

Novamente neste capítulo encontramos a forte influência da educação cristã seguida pelo autor, sempre enfatizando as bênçãos e graças recebidas pelo povo, colocando a fundação de

uma cidade, por exemplo, como algo divino, superior as coisas terrenas, sem nunca deixar a fé como prioridade nas cidades e povoados construídos.

A Defesa do Brasil

Este capítulo faz-se uma breve explanação sobre como foi que os portugueses impuseram sua autoridade sobre outros países que tentassem entrar em terras brasileiras. A corte queria a total posse de terras e, para isso, travou batalhas com quem tentou se fixar no país.

[...] o governador do Brasil organizou tropas para expulsar os franceses. A remessa dessas tropas teve o nome de *jornada milagrosa*, porque só mesmo um milagre poderia explicar a vitória que esses homens alcançaram contra os invasores. (SANTOS, 1955, p. 59)

A trecho acima é da história “A jornada milagrosa”. Esta, mostra que os franceses conseguiram permanecer no país durante alguns anos, mas sempre tendo que mudar de cidade com suas tropas, dando a entender que estavam sempre se escondendo dos portugueses.

Para que essas batalhas fossem vencidas com maior facilidade, houve um interesse dos portugueses em se aproximar de alguns indígenas e os encorajar a lutar a seu favor, prometendo títulos de nobreza aos mesmos, o que poderia garantir a eles um número maior de pessoas para as batalhas. A maneira que melhor obteve resultados, foi nomear “cidadãos de cor” para comandar tropas de índios que auxiliassem e lutassem pela conquista de terra, buscando a união da nação contra um invasor. No capítulo, alguns desses líderes foram colocados como heróis e esta, seria a recompensa dada pela bravura e coragem deles. “[...] encontrava-se também o negro Henrique Dias. Vinha à frente de um grupo de homens de cor, que desejavam defender o Brasil dos invasores holandeses” (SANTOS, 1955, p. 67). Na narração, enfatiza-se que este líder de tropas sofreu ferimentos e perdeu membros do corpo, mas mesmo assim, não abandonou seu principal objetivo, o de vencer a batalha.

No meio da luta, um tiro de arcabuz arrancou-lhe uma das mãos. Pretendia ainda continuar combatendo, mas seus companheiros o arrastaram para fora da luta, a fim de ser medicado. Sofrendo dores horríveis, suportou, com admirável serenidade, a amputação de metade do braço esquerdo. (SANTOS, 1955, p. 68)

Neste trecho, dá-se importância a coragem do personagem principal, Henrique Dias, em lutar e, mesmo ferido, não demonstrar fragilidade perante os adversários. O autor do livro expressa nessa narração um negro como herói, porém, toda a sua ação, parte de ideais da corte, onde o negro só é exaltado na medida em que ele luta pelos interesses do branco, que eram permanecer nas terras brasileiras.

A liberdade do Brasil

No terceiro capítulo do livro, as histórias relatam a revolta de caciques, padres, freis e revolucionários sobre a invasão dos portugueses nas terras brasileiras e a imposição de sua cultura sobre os habitantes. Porém há novamente o enfoque do autor em exaltar a fúria dos indígenas, os colocando como ameaças para os portugueses.

[...] Ajuricaba organizou uma verdadeira confederação de índios da região do rio negro. A cada investida dos portugueses, indígenas respondiam com um ataque em massa, fazendo grande morticínio entre os invasores de suas terras. (SANTOS, 1955, p. 106;107)

Segundo o autor, os indígenas defendiam suas aldeias contra a invasão dos portugueses, eles não queriam que ali se tornasse um lugar dominado pela cultura dos brancos. Dessa forma, com a derrota da batalha, o cacique chefe da aldeia era punido severamente pela rebeldia. Isso também acontecia com os padres que discordavam da posse da corte e organizavam revoluções. Estas pessoas passavam a ser vistas como ingratas aos olhos do restante da sociedade, que os acusavam de não deixar o país progredir. Na maioria das histórias, estas pessoas acabavam sendo mortas ou cometiam suicídio perante a pressão exercida pelas tropas.

Resolveram então os juízes fuzilar o sacerdote. Formou-se, diante dele, um pelotão de fuzilamento. Foi amarrado a um poste. E como os soldados demorassem a atirar, ele pediu com doçura:
_ Vamos, meus amigos. Não me façam padecer por mais tempo!
Uma descarga estrondou no espaço. E o frade herói caiu morto. (SANTOS, 1955, p. 117)

Percebe-se que, mesmo a maioria dos personagens morrendo, o principal motivo que o faz estar sendo citado no livro é o patriotismo que domina suas ações. “Era frei Joaquim. Dirigia-se a capela para despir suas vestes sacerdotais. Em seguida, seria enforcado. Por quê? Porque amava a sua Pátria e desejava a sua liberdade.” (SANTOS, 1955, p. 116). A construção de heróis em cada história remete a qual sociedade se queria para a época, buscava-se dar sentido a todas as mudanças que aconteceram no país. Com a exaltação dessas pessoas, criava-se um incentivo para os sujeitos se espelharem e isso, era necessário para o avanço do país nos moldes já determinados, pelo governo da década.

O progresso do Brasil

No quarto e último capítulo do manual, cada história retrata algumas pessoas escolhidas por Santos como sendo importantes para o processo de civilização brasileiro, eram professores “O mestre Anchieta (SANTOS, p. 155), músicos “A música de Carlos Gomes” (SANTOS, p.

164), pintores “A pintura de Vitor Meireles” (SANTOS, p. 168), advogado “A voz de Rui Barbosa”, que também demonstravam um amor pela pátria. “Vitor Meireles foi o maior e o mais brasileiro de nossos pintores. Era grande a sua “paixão pela arte através do amor à pátria” (SANTOS, 1955, p. 168). Essas pessoas eram nomeadas como as melhores se destacando dentre os outros pela inteligência, sem deixar de evidenciar o amor a pátria “Rui Barbosa foi um dos homens mais inteligentes e cultos do Brasil. Sua vida foi toda dedicada ao engrandecimento da Pátria” (SANTOS, p. 182), bem como, “[...] o menino, era a alma da casa. Sua operosidade e simpatia muito concorriam para que a loja tivesse muitos fregueses” (SANTOS, p. 172).

Esses heróis eram exaltados pela por suas benfeitorias, fossem elas para resolver uma questão emergente ou apenas por terem concluído uma obra de arte. Dentre as principais profissões destacadas no texto, há os mestres, pintores, músicos, políticos e cientistas, todos com uma ligação direta ou indireta com os nobres da sociedade.

O povo delirou de alegria. Durante mais de uma semana foi festejado o grande acontecimento. Dando água ao povo, Paulo de Frontin iniciava a série de benefícios que prestaria à sua cidade natal. Foi ele, sem dúvida um dos mais notáveis engenheiros do seu tempo e um dos maiores pioneiros do Rio de Janeiro. (SANTOS, 1955, p. 180) Como meio de produção dos alunos, ao final das histórias há questões de interpretação que sempre remetem a reforçar essas ideias de saber quem foram as pessoas que buscavam desbravar novas terras, quais foram suas batalhas e como conseguiram chegar aos seus objetivos. Temos como exemplo:

Quem foi Guia Lopes? Onde possuía ele um sitio? Quais as qualidades que demonstrou nessa perigosa retirada? Qual o golpe que o atingiu? Conseguem os soldados chegar ao sitio de Lopes? Depois de curados voltam os soldados ao Rio de Janeiro? (SANTOS, 1955, p. 102)

As respostas para as questões são encontradas no texto, porém percebe-se que para a resolução das mesmas, era preciso fazer a leitura novamente da narração, o que reforça assim, os métodos utilizados pela educação da década, em que o aluno deveria ler e encontrar as respostas sem fazer uma análise crítica sobre o assunto.

Um membro da expedição, que estava entre os soldados, era o guia Lopes [...], ele possuía um sitio em Mato Grosso, onde havia muito gado, muita água e muita fruta”.

Mais adiante, o comandante da tropa é vitimado pela cólera. [...]

Afinal, surge o rio Miranda. Do outro lado está o sitio de Lopes. [...]

Os soldados descansam. Mas ninguém pensa em voltar para o Rio de Janeiro. (SANTOS, p. 100; 101; 102, 1955)

Sendo assim, percebe-se que há o cuidado do autor em evidenciar todo sofrimento que o personagem principal passou, neste caso Lopes, como também podemos ver que os soldados da batalha só estavam salvos graças ao líder que possuía esse sítio que foi usado como refúgio.

Essas perguntas não provocam no aluno essa capacidade de interpretação, apenas buscam respostas prontas e fáceis de serem memorizadas. Percebemos a característica de memorização das perguntas em trechos como esse:

Quem foi o maior dos nossos pintores? Em que estado ele nasceu? Quem foi o seu primeiro mestre? [...] Vitor Meireles foi o maior e o mais brasileiro de nossos pintores. Era grande a sua “paixão pela arte através do amor a pátria”. Nasceu em Santa Catarina, na vila de S. José do Desterro, atual Florianópolis, a 18 de agosto de 1832.
[...] Nesta época, recebeu ele as primeiras lições de pintura do argentino Mariano moreno. (SANTOS, 1955, p. 168; 171)

As perguntas e respostas acima mencionadas, estão no corpo do texto que Santos escreveu no manual didático *Contos Cívicos do Brasil*. Cada resposta presente no texto está na mesma sequência das questões propostas, sem a necessidade de interpretação ou análise sobre as mesmas.

Percebemos também, que as questões encontradas no livro remetem a concepção da pedagogia tradicional, em que o aluno é passivo sobre os conteúdos, apenas é preciso memorizar as perguntas sem fazer análise crítica ou qualquer interpretação para encontrar as respostas. Essa concepção de ensino teve o método catequético jesuítico em sua base, em que o principal objetivo era a formação de uma nova sociedade e, que o autor do livro, como já mencionamos, defendia. Essa educação cristã era para Theobaldo o método que melhor iria encaminhar os alunos para serem bons cidadãos perante a sociedade.

Considerações finais

A década de 1950 foi um momento de grandes mudanças em todos os setores da sociedade. O governo vigente procurou trazer inovações e mudanças no cenário educacional brasileiro e a ênfase dada nos conteúdos curriculares das escolas era para idealizar heróis que contribuíram para o avanço do país.

Percebeu-se que no livro analisado, *Contos Cívicos do Brasil*, houve uma tentativa de exaltar alguns personagens elegidos por Theobaldo Miranda Santos como sendo fundamentais para a construção da nação brasileira, evidenciando nos textos, o amor a pátria, motivo pelo qual o país progrediu na visão do autor. Buscava-se formar sujeitos passivos, admiradores da boa conduta,

que exaltassem os sujeitos que eram tidos como heróis pelo governo da época. Para isso, o autor escolhido para escrever os livros didáticos que seriam utilizados em sala de aula já tinha uma linha de pensamento voltada a essa tendência tradicional.

A tendência tradicional evidente no manual se contradiz ao que o governo anunciava em seu discurso. Pretendia-se usar o exemplo de bons homens para que aqueles alunos, a futura geração, continuasse se espelhando e não tomasse iniciativa em mudar a forma de governar, ou seja, a diferença de classes se sobressairia e acabava formando sujeitos acrílicos à realidade.

Por fim, acreditamos que a pesquisa em questão possa contribuir um pouco para desvendarmos as complexas relações educacionais nos anos de 1950. Além disso, buscamos evidenciar o livro didático como uma importante fonte de pesquisa para educação. Suas múltiplas facetas nos ajudam a vislumbrar aspectos políticos, sociais e pedagógicos de determinados contextos históricos. Assim, essas questões postas nos auxiliam a entender a trajetória educacional brasileira e, quiçá, compreender um pouco da complexa realidade do ensino brasileiro atual.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, Orlando José de. Historiografia, história da educação e pesquisas sobre o livro didático no Brasil. **Revista Saberes Interdisciplinares**, São Paulo, n.1 v.1, p. 17-45, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. – 1º edição. – São Paulo: Moderna, 1989.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

CALIXTO, Jaqueline de Andrade. NETO, Armino Quilici. Pensamento educacional de Theobaldo Miranda dos Santos e suas reflexões no manual de filosofia da educação: breves apontamentos históricos. 2013. **Anais eletrônicos do VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013 – UFMT / Cuiabá.

_____. Theobaldo Miranda Santos e suas contribuições para a história da educação brasileira (1942-1946). **Anais eletrônicos do IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder**, 2014 – UFG/ Jataí.

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 52, p. 11-23, Nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 jan. 2020.

GONÇALVES JR, Ernando Brito. **Educação em perspectiva crítica: inquietudes, análises e experiências**. Curitiba, Appris, 2016.

PASTRO, Sonia Maria Gazola. CONTIERO, Diná Teresa. Uma análise sobre o ensino de história e o livro didático. **História e ensino**, Londrina, v.8, edição especial, out. 2002.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela Pellegrino. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. O passado que se tornou lição: os manuais de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos e as noções de história da educação para alunas normalistas. **Anais eletrônicos da 32ª Reunião Anual da Anped**, 2009.

SALLES, Fernando Casadei. História e ideologia da economia da educação no Brasil. **Intermeio: revista do Mestrado em Educação**, Campo Grande, MS, v. 8, n. 16, p. 16-29, 2002.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Contos Cívicos do Brasil**. Companhia Editora Nacional. 1955.

SILVA, Rafael Fernando da. Filosofia da educação: grandes problemas da pedagogia moderna, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino. 2014. 81 f. **Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)**, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121921>>.